

Escrita, prosódia e leitura

Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

1 Apresentação

O ser humano, em algumas culturas, além da comunicação oral, ainda conta com o sistema de escrita, para fins comunicativos. Assim, a língua pode ser expressa tanto na sua forma oral, quanto na sua forma escrita; dois sistemas de signos que, de acordo com Saussure (1970), são diferentes entre si, mas que acabam se misturando intimamente.

Diferentemente da língua falada, a língua escrita não é uma capacidade inata, um instinto, mas uma invenção humana, um produto sócio-cultural, cuja origem remonta a um passado relativamente recente, se se considerar as dezenas de milhares de anos pelos quais se estende o progresso intelectual da humanidade (DIRINGER, 1969).

Da pré-história, com o homem das cavernas e suas pinturas rupestres, até os dias atuais, a humanidade conheceu um número razoável de sistemas de escrita. Pesquisas paleontológicas indicam que a escrita cuneiforme, desenvolvida pelos sumérios, por volta dos anos 4.000 a 3.1000 a.C., seja o primeiro sistema de escrita.

Independentemente do tipo de sistema de escrita, para Cagliari (2006, p. 1), todos os seus “criadores tiveram que buscar na observação da fala as diretrizes para a formação dos sistemas de escrita. Isso é particularmente claro no caso da criação do alfabeto”. Para esse autor, a invenção de um sistema de escrita, qualquer que seja ele, implica a existência de uma língua oral.

Nesse sentido, partindo da hipótese de que um sistema de escrita implica a existência de uma língua oral, podemos supor que a escrita possui recursos para representar aspectos da oralidade. Há, pois, uma estreita relação entre escrita e língua oral, relação essa que constitui o foco do presente capítulo.

Buscamos nas páginas que seguem refletir sobre a relação língua falada e língua escrita e de que maneira a escrita registra as variações entoacionais/melódicas, atitudes de falantes e emoção. Discutimos a importância dos marcadores prosódicos da escrita na construção do texto escrito e na leitura em voz alta.

2 Língua falada e língua escrita: pontos de desencontros e encontros

A fala e a escrita constituem dois sistemas de comunicação humana. Ao traçarmos um paralelo entre ambos sistemas, somos capazes de rapidamente estabelecermos diferenças entre si. Enquanto a fala é natural, inata e instintiva; a escrita não é inata, é, ao contrário, uma invenção humana, um produto sócio-cultural.

A fala, por ser instintiva, é desenvolvida sem intervenção formal e sistematizada. O desenvolvimento da escrita, por sua vez, requer, na grande maioria das vezes, a intervenção formal e sistematizada, ou seja, ela deve ser ensinada.

Ao desenvolver a fala, por exemplo, a criança não precisa ser ensinada a abrir a boca e deixar o ar sair livremente para a produção das vogais, bem como não precisa ser ensinada a fechar por completo a boca para fazer uma oclusiva. Isso ela já faz, instintivamente, na fase do balbúcio. Com o tempo, ela irá selecionar quais de suas produções sonoras são importantes na sua comunicação com o adulto e quais não são.

Mas, para representar graficamente os sons que a criança produz, precisamos ensiná-la a desenhar as letras que representam os sons de sua língua materna. Sem ser ensinada, dificilmente ela vai desenvolver a escrita. Sem que lhe seja ensinada a ortografia oficial de sua língua materna, a criança poderá ter uma escrita com muitas formas divergentes.

Não temos, dessa forma, como negar que fala e escrita são dispositivos de comunicação humana de natureza bem diversa. E, obviamente, não podemos negar que a escrita não é efetivamente o espelho da fala. Não há uma relação biunívoca entre os sons da fala e a sua representação gráfica por meio das letras.

O sistema ortográfico do Português está recheado de exemplos dessa não biunivocidade entre som e letra. Em alguns casos, temos uma única letra representando vários fonemas; em outros, temos um único fonema sendo representado por várias letras.

É só lembrarmos do nosso desespero em dizer se uma palavra é escrita com x, s ou com z. Só a letra x no nosso sistema ortográfico pode representar /z/, *exato*; /s/, *extrato*; /ʃ/ *lixo*; ou ainda uma sílaba inteira /kis/ como em *látex*. Em associação com a letra c pode também representar o /s/ como em *exceto*.

Há igualmente o outro lado da moeda: um único fonema sendo representado por diversas letras, como é o caso do /s/. Esse fonema pode ser representado pela letra s, *sapo*; pela letra x, *extrato*; pela letra c, *cela*; pelo ç, *caça*; e pelas combinações de ss, *assado*, ou xc, *exceto*.

Esses são alguns dos vários exemplos do pseudo caos que é o nosso sistema de ortografia. Sim, **pseudo** porque um sistema ortográfico tem motivações diversas e não só fonológica. Assim, uma determinada forma escrita pode resgatar questões de natureza etimológica ou filosófica. Um sistema de escrita pode ser essencialmente de “natureza fonológica”, como é o sistema da língua portuguesa, de acordo com Mateus (2006), mas não exclusivamente.

De forma resumida, podemos afirmar que a pouca relação entre letra e fonema que existe nos sistemas ortográficos não é uma evidência de falta de regularidade na ortografia de uma língua. Defendemos aqui que a ortografia de uma língua é satisfatoriamente coerente, a ponto de registrar aspectos prosódicos, tais como variação entoacional/melódica, atitudes de falantes e emoções. Há, nesse sentido, muitos pontos de encontros entre fala/língua e escrita que vão para além dos aspectos segmentais. Esses pontos de encontro são decorrentes dos diversos recursos gráficos que a escrita dispõe para representar aspectos que são recorrentes na língua falada, especificamente os aspectos prosódicos.

Os recursos que a escrita dispõe para representar os aspectos prosódicos da fala são os Marcadores Prosódicos-MP (CAGLIARI, 1989), aos quais dedicaremos o tópico seguinte.

3 Prosódia e escrita: os marcadores prosódicos

A organização sonora de uma língua conta com segmentos: vogais, consoantes, glides; que se organizam em unidades maiores, sílaba, palavra, frase, enunciado. A partir da sílaba, são organizados os constituintes prosódicos, que, grosso modo, estão relacionados ao acento, às variações entoacionais e melódicas.

No que se refere à constituição sonora, a prosódia está relacionada a) à intensidade (amplitude); b) à melodia (frequência fundamental – F_0); c) à duração; d) às marcas de saliência (ársis/tésis); f) ao andamento; g) à velocidade de fala, h) ao registro e i) à qualidade de voz (CAGLIARI, 1981).

Do ponto de vista do significado, os eventos prosódicos da língua podem estar relacionados a) aos fatos sintáticos, à semelhança dos diferentes tipos de frases: exclamativa, interrogativa etc; b) à definição sócio-pragmática: nos diversos usos da linguagem; e c) às características discursivas, para-linguísticas e extra-linguísticas: na determinação de atitudes de falantes e expressão de emoção (CAGLIARI, 1981).

No ato comunicativo, as variações prosódicas são, portanto, determinantes para a continuidade e perfeita fluidez da fala dos interlocutores. Um padrão pro-

sódico inadequado pode colocar em risco a comunicação entre dois falantes. Pode inclusive levar a maus entendimentos. Por exemplo, se você não marcar adequadamente uma frase interrogativa, sua fala pode soar com uma ordem grosseira. Nesse sentido, as marcações prosódicas não são acessórios em nossa fala e por isso devem, sim, ser resgatadas na escrita.

De acordo com Cagliari (1998), um sistema de escrita como o nosso possui recursos que mostram ao leitor mais sutilezas e nuances da fala do que comumente se costuma acreditar. Para esse autor, esses recursos constituem os marcadores prosódicos. Segundo ele, um texto escrito, em especial a narração, possui marcas gráficas que têm como função principal indicar para o seu leitor como deverão ser as variações melódicas e entoacionais da passagem que estão sob escopo dessas marcas gráficas, que podem ser de natureza diversa e incluem desde formatação do texto à escolha lexical e uso de pontuação.

Esses MPs, de acordo com Pacheco (2006) com base em Cagliari (1989), podem ser de dois tipos: os marcadores prosódicos gráficos (MPG) e os marcadores prosódicos lexicais (MPL), como descrito a seguir.

3.1 Os marcadores prosódicos gráficos

A escrita alfabética pode possuir como parte constitutiva sinais gráficos de diferentes formas. Esses sinais gráficos são chamados de sinais de pontuação, com usos e funções bastante diversificados, como evidencia a fala de Catach (1998, p. 32):

La ponctuation constitue, auprès des signes alphabétiques, un système de renfort, d'ordre à la fois séparateur (des mots et groupés de mots) intonatif, syntaxique, discriminatoire et sémantique, destiné avant à une aide à la lisibilité. Ce système possède une sémiologie propre, et occupe depuis toujours (c'est là une découverte) dans l'écrit une place majeure. Il est destiné à éclairer le texte, à éviter les ambiguïtés de l'acte de lecture, dans tous les sens de ce mot, saisie matérielle et interprétation à la fois orale, visuelle et sémantique (...).

Essa multiplicidade de funções que os sinais de pontuação agregam hoje, conforme Catach (1998), não deixa de ser, em última análise, um reflexo das múltiplas funções que essas marcas gráficas assumiram ao longo da história da escrita, que, segundo Cagliari (1995), registra as formas primitivas do que hoje se considera como sinais de pontuação, já nos primeiros documentos escritos pelos sumérios. Ainda de acordo com esse último autor, “a primeira manifestação da escrita veio não só com os caracteres, mas também com marcas discursivas que hoje costumamos chamar de sinais de pontuação” (CALGIARI, 1995, p. 178).

Os primeiros textos escritos pelos sumérios, segundo Cagliari (1995), separavam os grupos sintáticos e semânticos com traços formando quadrados e retângulos. Já os egípcios, quando usavam a escrita hieroglífica, separavam os nomes próprios, colocando-os dentro de casulos (CAGLIARI, 1995).

Nesse sentido, como sugere Rocha (1997), os sinais de pontuação teriam sua origem juntamente com a origem da escrita, apresentando, ao longo da história, funções diversificadas, e não teriam tido uma aquisição tardia. Ainda para essa autora, a aquisição da escrita também teria sido lenta, ponto de vista que de fato faz sentido se se considerar que na história da escrita não há registro de uso de qualquer marca de pontuação nos documentos escritos durante a Antiguidade.

Para Cagliari (1995), há evidências, ao longo da história da escrita, que permitem crer que o sistema de pontuação que hoje nós usamos tenha se originado do sistema grego e definiu-se como tal no século XV, justamente com a invenção da imprensa. Apesar das regras impostas, no século XV, pelos gramáticos e pelos tratadistas de questões de ortografia, os sinais de pontuação nunca tiveram normas de usos rigorosamente estabelecidas.

Até mesmo nos dias atuais, em que esses sinais constituem parte integrante de qualquer texto escrito, no sistema de escrita, não há normas precisas quanto ao uso dessas marcas gráficas, que é bastante variável entre os autores de uma mesma língua e, naturalmente, entre as línguas, sendo quase uma questão de estilo. Não há, além disso, um acordo entre os autores quanto ao conjunto de marcas gráficas que devem ser consideradas como sinal de pontuação (CAGLIARI, 1995).

Nos dias atuais, é possível verificarmos nos textos narrativos e nos textos escritos nas redes sociais um uso, digamos “moderno”, dos sinais de pontuação. A quantidade e o uso combinado de alguns dos sinais de pontuação mais típicos da língua como exclamação, interrogação e reticências são usados com finalidade de expressão prosódica que vão para além de seus usos convencionais. Basta observarmos os diferentes sentidos assumidos pela frase “*Você não fez nada*” em função da pontuação que lhe segue:

- a) Você não fez nada.
- b) Você não fez nada....
- c) Você não fez nada!
- d) Você não fez nada!!
- e) Você não fez nada nada!!!!!!
- f) Você não fez nada!...
- h) Você não fez nada?
- i) Você não fez nada??
- j) Você não fez nada??????
- k) Você não fez nada?!....

Podemos verificar que o uso combinado e/ou em excesso dos sinais de pontuação incitam comportamento prosódico que indica uma certa irritabilidade, desencanto, raiva, etc. Esses recursos mostram que você não está diante de uma exclamação e uma pergunta típicas. Há uma informação prosódica adicional de extrema relevância que revela atitude do falante e seu estado emocional.

Além dos sinais de pontuação, outras marcas gráficas podem trazer informações prosódicas para o leitor, como a formatação do texto, tipo de letras, etc.

Por meio da formatação do texto, a presença ou ausência de parágrafos, por exemplo, pode levar o leitor a ter um ou outro comportamento prosódico. Vejamos nos exemplos da Figura 1:

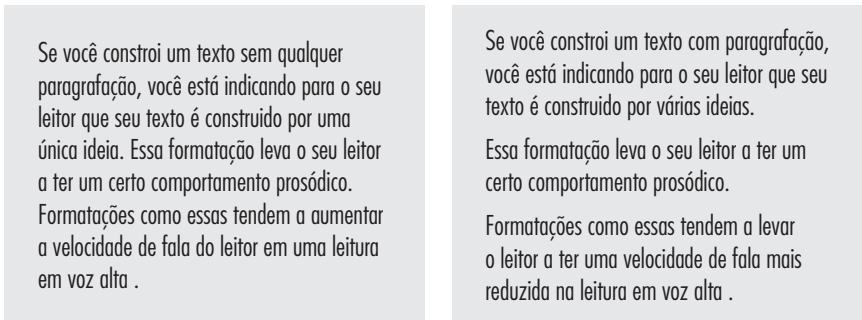


Figura 1 Diferença de formatação e comportamento prosódico.

O estilo de letra é um outro recurso gráfico que pode nos trazer pistas prosódicas. Quando, em um texto, queremos dar destaque a certas passagens, frequente usamos caixa alta, negrito, itálico. Ao ler esse texto, você alterará seu comportamento prosódico. Você pode aumentar ou abaixar seu tom de voz, você acelerar ou reduzir a sua velocidade de fala. Você pode AINDA, silabar uma palavra, o que le-va-rá o seu leitor a ler essa palavra de forma mais devagar. O **bom** leitor não ficará alheio a essas *marcas gráficas*.

Finalizamos por aqui os exemplos das diversas possibilidades de marcação prosódica gráfica. Podemos afirmar que temos à nossa disposição diversos recursos gráficos que podem expressar nossas intenções prosódicas e sinalizar para o nosso leitor como o texto que lhe é apresentado deverá ser lido. Tudo só depende de nossa criatividade. Nesse sentido, podemos trazer evidências robustas para os teóricos que defendem que a pontuação é um tipo de transcrição entoacional e, portanto, seria um análogo visual da prosódia (KONDO; MAZUKA, 1996; COHEN; DOUAIRE; ELSABBAGH, 2001, entre outros).

Além das marcas gráficas, os MPG, que nos orientam como deverá ser nosso comportamento prosódico, temos ainda os marcadores prosódicos lexicais, MPL, matéria da nossa próxima seção.

3.2 Os marcadores prosódicos lexicais

Os falantes têm, segundo Fónagy (1993), a entonação como um componente privilegiado para a atribuição de sua carga semântica. Assim, de acordo com o autor, “a entonação desempenha papel fundamental no ato de comunicação linguística através da manifestação de atitudes de falantes” (FÓNAGY, 1993, p. 223). Por meio da entonação, portanto, é possível aferir atitudes do falante, tais como a polidez, autoritarismo, arrogância, etc, sendo a atitude, diferentemente da emoção, um comportamento do falante que é controlado e determinado por si próprio, com implicações morais e intelectuais, como a ironia, a reprovação, a justificativa.

Além das atitudes dos falantes, as situações comunicativas diárias podem apresentar variações entoacionais que têm por objetivo a própria comunicação, como a exclamação, a interrogação; ou ainda, pode apresentar situações comunicativas cujas variações entoacionais não são controladas, pelo contrário, são inconscientes e produtos da tensão psíquica, como a cólera, a tristeza, a alegria. Segundo Fónagy (1993), tem-se, no primeiro caso, modalidade e, no segundo, emoção.

Essas variações melódicas presentes nas situações comunicativas, decorrentes da atitude do falante, da modalização e da emoção são variações prosódicas também passíveis de serem registradas na escrita por meio de expressões que, segundo Cagliari (2002, p. 7):

Caracterizam atitudes do falante, emoções e modos de dizer que fazem uma referência à prosódia da língua, uma vez que tais atitudes, emoções e modos de dizer precisam ser realizados foneticamente de uma determinada maneira e não de outra.

Assim, para Cagliari (1989, 2002), esses aspectos das situações comunicativas são representados na escrita por meio de expressões semânticas até por pequenas “descrições de situações em que a fala aparece bem definida em vários aspectos fonéticos, inclusive prosódicos” (CAGLIARI, 2002, p. 10). Esses marcadores constituem entradas lexicais no léxico mental dos falantes e, sendo uma entrada lexical, estão sujeitas ao funcionamento de qualquer unidade lexical, como, por exemplo, pertencer a uma classe gramatical.

Dessa forma, essas referências semântico-lexicais de cunho prosódico podem pertencer a diferentes categorias gramaticais, podendo ser um adjetivo, advérbio, expressões adverbiais que são usadas para qualificar prosodicamente o significado de um verbo que se refere ao ato de falar (CAGLIARI, 2002).

O que torna essas entradas lexicais especiais ao ponto de serem classificadas como marcador prosódico é justamente a sua carga semântica, que traz informações de cunho prosódico, podendo se referir “às atitudes do falante, seus

sentimentos, ao ritmo, ao volume, ao andamento, enfim, a qualquer um dos parâmetros constitutivos da prosódia como um processo geral” (CAGLIARI, 2002, p. 11).

Trata-se, pois, de um marcador prosódico do tipo lexical, podendo ser tratado, então, como Marcadores Prosódicos Lexicais (MPL) que possuem tanto informações da ordem da escrita, já que são palavras constituídas ortograficamente, quanto informações da ordem da fala, precisamente prosódica, já que sua carga semântica traz necessariamente informações que remetem a variações prosódicas.

Para Cagliari (2002), o Português possui várias palavras e expressões que podem ser usadas na escrita para fazer referência a elementos prosódicos de várias naturezas, como, por exemplo, ao acento. Na língua escrita, referências ao acento podem ser encontradas em expressões como: “falou acentuando bem as palavras”, “disse enfaticamente” (p.4)

Referências à velocidade de fala são feitas como em “falou devagar”, “falou destacando as palavras”, “disse bem devagar”. Expressões como “falaram os dois ao mesmo tempo”, “interrompeu fulano e disse”, “continuou”, “replicou”, etc. (p. 5) fazem referência à concatenação que é o modo de fala sem pausas.

A tessitura, que, de acordo com Cagliari (2002), refere-se à escala melódica usada na fala e está compreendida entre o tom mais grave e o mais agudo, pode ser resgatada na escrita por meio das palavras como “murmurou” (tessitura baixa), “berrou” (tessitura alta).

Já o volume, que é a intensidade com que o enunciado é dito, pode ser resgatado na escrita por meio de “gritou” (volume forte, geralmente classificado pelo ouvinte como som alto) e “falou baixo” (volume fraco, geralmente classificado pelo ouvinte como som baixo).

Com essas marcas, dentre outras apresentadas por Cagliari (1989, 2002), a escrita faz referências a aspectos estritamente prosódicos que são típicos da fala oral. Assim, é possível fazer referências às falas de personagens, indicando, dessa forma, as atitudes dos falantes, bem como suas emoções e sentimentos. Esses modos de dizer indicam ao leitor que as falas dessas personagens devem ser realizadas de um modo e não de outro, o que implica variações nos parâmetros prosódicos, como entoação, ritmo, acento, etc. (CAGLIARI, 2002).

Da mesma forma que uma frase pode ter seu sentido alterado em função do MPG que lhe acompanha, como vimos no item anterior, uma frase pode ter seu sentido alterado a depender do marcador prosódico lexical que a acompanha. Vejamos como uma frase como “*ela disse que ia embora*” pode expressar estados de espíritos diferentes de quem a pronuncia a depender do marcador prosódico lexical que a acompanha:

- a) Ela disse calmamente que ia embora.
- b) Ela disse gritando que ia embora.

- c) Ela disse lentamente que ia embora.
- d) Ela disse desesperada que ia embora.
- f) Ela disse sussurrando que ia embora.
- g) Ela disse aos berros que ia embora.

É fácil verificar os efeitos de sentido que a alteração da palavra que segue o verbo *disse* acarreta à frase aqui analisada. Cada uma das palavras apresentadas remete a um comportamento prosódico específico, que implica em aumentar ou abaixar o tom e o volume da voz. Acelerar ou reduzir a velocidade de fala. Em cada uma dessas situações, estão expressas atitudes e emoções diversas do falante. O leitor não pode estar alheio a essas informações, sob risco de não compreender o que de fato o texto propõe.

4 O lugar dos marcadores prosódicos na leitura

Vimos até aqui que a escrita possui recursos para representar, no texto escrito, variações prosódicas. Há dessa forma, uma intenção por parte de quem escreve de registrar, de informar ao seu leitor o comportamento prosódico desejado, esperado e ideal.

Espera-se, por sua vez, que o leitor, ao ter contato com essas marcas, que são pistas prosódicas, seja capaz de recuperá-las. Dessa forma, podemos afirmar que a leitura dá voz a marcas prosódicas da escrita. A leitura, é, nesse sentido, o elo que existe entre a escrita e a prosódia, como pode ser visualizado na Figura 2.

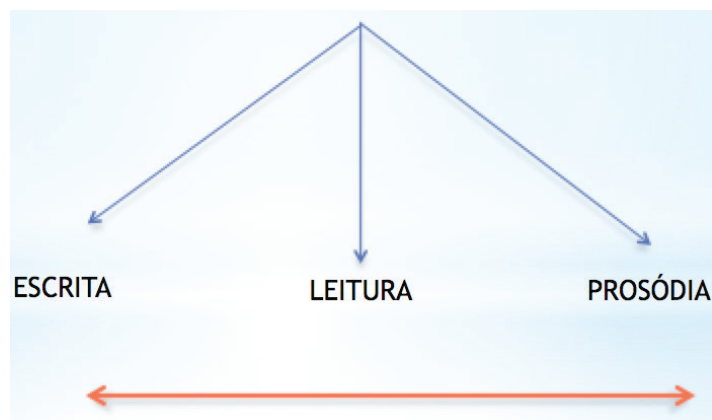


Figura 2 Esquema representativo da relação escrita, leitura e prosódia.

A conversão entre informação prosódica visual do texto escrito em variação prosódica durante a leitura em voz alta tem implicações diretas para o processamento da leitura. De que forma fazemos essa conversão? Os modelos de processamento de leitura atuais dão conta somente da conversão entre ortografia e

fonema. Contudo, os MPG e os MPL possuem uma realidade que vão para além da ortografia. Eles possuem uma informação prosódica que deve ser acionada quando o estímulo visual - quer o sinal de pontuação, a formatação do texto ou a forma ortográfica do MPL - é apresentado ao leitor.

Para Pacheco e Oliveira (2014), somente um modelo interativo consegue dar conta do processamento dos marcadores prosódicos durante a leitura. Mas para essas autoras, é necessário também que se reveja os módulos envolvidos no processamento de leitura. Para elas o modelo deve ser como o que segue na Figura 3:



Figura 3 Arquitetura proposta para o processo de reconhecimento dos marcadores prosódicos da escrita (PACHECO; OLIVEIRA, 2014, p. 209).

Assim para as autoras, é necessária a projeção de um modelo que seja capaz de prevê a conversão entre o semântico (para os MPL)/sentido convencionalizado (no caso dos MPG) em informação prosódica e vice-versa; bem como preveja um módulo **AUDITIVO** que permita que, em situações de escuta de leitura, sejamos capazes de, por exemplo, ouvir uma pergunta e representá-la como o sinal de interrogação.

É possível que um módulo **CONTEXTO**, conforme defendem as autoras, possa estar atuando no processamento dos marcadores prosódicos. Contudo, ain-

da não existem evidências experimentais controladas que permitam afirmar sobre a atuação desse módulo.

A proposta de um modelo que contemple o processamento dos marcadores prosódicos durante a leitura e a escuta de uma leitura torna mais evidente a estreita relação entre escrita e fala. É inegável as particularidades de cada um desses sistemas de comunicação humana, mas é igualmente inegável a interligação que ambos possuem.

5 Considerações finais

Nosso objetivo neste capítulo foi refletir sobre a relação língua falada e língua escrita. Mostramos que estamos diante de dois sistemas de comunicação humana que possuem natureza diversa, mas que guardam estreita relação entre si. Muitos aspectos da língua/fala são registrados eficazmente na escrita, em particular os aspectos prosódicos. Nesse sentido, a escrita dispõe dos marcadores prosódicos gráficos (sinais de pontuação, formatação de texto, estilos de letras) e dos marcadores prosódicos lexicais (palavras que indicam atitudes do falante e emoções). Assim, cumprimos outro objetivo nosso, a saber, mostrar de que maneira a escrita registra as variações entoacionais/melódicas, atitudes de falantes e emoção.

A presença de um outro sinal de pontuação, ou a maneira como ele é usado, ou o uso de uma ou outra palavra tem direcionamento prosódico específico e implicações de sentido para o texto. Com isso contemplamos o objetivo de discutir a importância dos marcadores prosódicos da escrita na construção do texto escrito e na leitura em voz alta, especificamente quando tratamos do lugar desses marcadores no processamento de leitura.

Entender e assumir que a escrita dispõe de muitos recursos para representar a prosódia da fala, e, com isso, assumir que a escrita possui uma prosódia visual, tem, no nosso entender, implicações importantíssimas para o ensino de escrita, leitura e compreensão de texto. Prosódia implica em sonorização, escuta da fala. Nesse sentido, o ensino de escrita e leitura não pode estar desvinculado de escuta e prática de leitura oral. O aluno precisa ouvir, sentir as variações prosódicas para ser capaz de registrá-las graficamente com eficácia e perceber o efeito de sentido que esses dispositivos acarretam para a compreensão do texto. O ensino de texto deve contemplar a tríade escrita leitura e prosódia de forma conjugada.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A estrutura prosódica do romance A Moreninha*. Oxford: Estágio Pós-Doutoral, 2002. (Relatório)
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Breve história dos sinais de pontuação. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- CAGLIARI, L.C. Breve História da Pontuação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 4, 1995, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 1995. p.177-183.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Marcadores prosódicos na escrita*. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18, 1989, Lorena. *Anais...* Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 1989. p. 195-203.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: Unicamp. Tese de (Livre-Docência), 1981.
- CATACH, N. La ponctuation estles systèmes d'écriture: dedans ou dehors? In: DEFAYS, J-M. ROSIER, L. TILKIN, F., (Orgs.). *À qui appartient la punctuation?* Paris: Duculot, 1998. cap. 2, p. 31-46.
- COHEN, H.; DOUAIRE, J.; ELSABBAGH, M. The role of prosody in Discourse. *Brain and Cognition*, v. 46, n. 1-2, p. 73-81, jun/jul. 2001.
- KONDO, T.; MAZUKA, R. Prosodic Planning While Reading Aloud: On-line Examination of Japanese Sentences. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 25, n. 2, p. 357- 381, 1996.
- DIRINGER, D. *A escrita*. LUIZ, A. (trad.). Lisboa: Gris Impressores, 1969. 245p.
- FÓNAGY, I. As funções modais da entonação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 25, 26-66, 1993.
- MATEUS M. M. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. In: PACHECO, V. e MASSINI-CAGLIARI, G. (Orgs.). *Questões de Fonética e Fologia: uma homenagem a Luiz Carlos Cagliari*. *Estudos da Língua(gem)*, v. 3, p. 159-180, 2006.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro*. 2006. 349p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PACHECO, V.; OLIVEIRA, M.. *Reconhecimento dos marcadores prosódicos da escrita em situação de leitura e de oitiva: um processo interativo*. Revista da Anpoll, Florianópolis, n° 37, p. 199-212, jul./dez 2014.

ROCHA, I.L.V., O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, v. 13, n.1, 1997

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

